



Problemas na Educação Mediatizada pelo Rádio: Uma Análise do Jornal da Educação¹

Priscila Barros Tavares²

Denise Ferreira Barbosa³

Professora orientadora: Andrea Pinheiro⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A idéia central deste artigo é fazer uma análise do Jornal da Educação, programa veiculado na Rádio Universitária FM, emissora vinculada à Universidade Federal do Ceará. O estudo foi baseado na escuta de cinco edições do programa, em que observamos questões como a estrutura, a linguagem e os temas do jornal. Destacamos aqui uma abordagem sobre o conceito de educação e a forma como o Jornal da Educação a coloca em prática.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal da Educação; Educação; Radiojornal; Rádio Universitária FM.

TEXTO DO TRABALHO

Introdução

O Jornal da Educação é produzido pela Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e exibido de segunda a sexta-feira, das 12h30min às 13h15min, na Rádio Universitária FM, desde 2004.

A Rádio Universitária foi inaugurada em 1981 e hoje é o principal veículo de comunicação da UFC. A emissora foi criada para estender à comunidade o alcance da produção cultural da universidade, fortalecendo o vínculo da academia com todas as esferas sociais. Um dos grandes diferenciais da rádio é a produção jornalística veiculada em frequência FM, e outro destaque é a programação musical baseada em estilos eruditos ou artistas nacionais, dando importância também para a cultura local e regional.

Seguindo os mesmos propósitos da emissora, o Jornal da Educação, aborda temas de dentro e de fora da universidade, apresentando uma visão ampla da educação e promovendo debates que envolvem o poder público, as instituições de ensino e

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: priscila_bt@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social/ Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: denise.cr@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: andrea@virtual.ufc.br.



entidades da sociedade civil, tendo como público-alvo não só os alunos e professores da UFC, mas também a sociedade em geral.

O programa teve início há cinco anos e é apresentado por Isabela Monteiro e Graziela Costa, dirigido pelo coordenador de comunicação social e marketing da UFC, Paulo Mamede, e produzido pela jornalista Katharine Magalhães com o apoio das bolsistas do curso de Jornalismo da Universidade, Camila Gadelha, Evelin Ferreira e Marina Rosas.

Este artigo propõe uma análise do Jornal da Educação enquanto produção radiofônica jornalística a partir dos programas exibidos entre os dias 1 e 5 de junho de 2009. Nesta abordagem foram priorizadas questões como a linguagem, o conteúdo, a estética do jornal em questão e, principalmente, a forma como trabalha a educação.

O Formato do Jornal da Educação

“Com o apoio do Banco do Nordeste do Brasil e da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a Rádio Universitária FM apresenta: Jornal da Educação. Uma realização da Coordenadoria de Comunicação Social da UFC”. A voz grave do locutor anuncia o início de mais uma edição do programa. Logo em seguida, a jornalista comunica o horário local, para, posteriormente, anunciar as manchetes do dia. Duas apresentadoras alternam suas vozes ao longo do programa, o que acaba dando certa agilidade ao jornal, que tem um formato de revista radiofônica sobre assuntos que envolvem a educação.

Manchetes, matérias e reportagens (algumas com sonoras), entrevista. Esse é o roteiro que o Jornal da Educação segue. Modelo que vem dos primórdios do rádio no Brasil. Segundo Milton Jung em seu livro *Jornalismo de Rádio* (2004), a forma implantada quando o jornalismo começava a surgir no rádio brasileiro permanece oitenta anos depois. Nas décadas de 1930 e 1940, quando o radiojornalismo dava seus primeiros passos, as notícias do jornal impresso eram lidas no rádio. As mudanças na maneira de transmitir as informações nos dois meios, jornal impresso e rádio, eram poucas.

Nessa fase, em 1935, surge A Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, primeira emissora de um dos mais influentes grupos de comunicação do País, os Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand. Quatro anos após a fundação, entrava no ar o Jornal Falado Tupi, idéia de Auriphebo Simões, aperfeiçoada em 1942, pela intervenção de Armando Bertoni e Coripeu de Azevedo Marques. ‘O Grande Jornal Falado Tupi’ como passou a ser conhecido na segunda fase, introduziu um modelo de



radiojornalismo diferente da síntese noticiosa, consagrada pelo Repórter Esso. (JUNG, 2004, p. 34)

Os profissionais que trabalhavam nas rádios eram, muitas vezes, jornalistas de jornais impressos, o que explica a semelhança entre os meios. Ferraretto apud Jung explica que o Grande Jornal Falado Tupi reproduzia a estrutura comum à imprensa escrita.

No início, a identificação do noticiário como o cabeçalho de um periódico impresso. Depois, com a marcação da sonoplastia, as manchetes a reproduzir a capa de um jornal. Seguiam-se notícias agrupadas em blocos – política, economia, esportes...- tal qual faziam os diários com suas editorias. (FERRARETTO APUD JUNG, 2004. p. 34).

O Jornal da Educação, como vários outros programas atuais, guarda um formato tradicional, sem muitas inovações. Além disso, outros fatores contribuem para que o jornal em questão tenha um tom sério e impessoal.

A Linguagem

No Jornal da Educação, a linguagem é composta por frases diretas, informativas e objetivas. Sentenças curtas e rápidas ao longo do noticiário. Nada de diálogo entre as locutoras. E durante a entrevista, o tom formal e distante da entrevistadora constrói uma conversa formal e enfadonha. Os quinze minutos de entrevista parecem durar duas horas.

Percebemos que a linha do programa tenta buscar aquela imparcialidade jornalística que muitos insistem em acreditar. Mas essa busca por objetividade acaba afastando as apresentadoras do ouvinte. Elas não falam, não conversam com quem escuta o programa. Dá a impressão que estão um tanto tensas e presas a um modelo de jornalismo asséptico.

Chantler e Harris no livro *Radiojornalismo* (1998) defendem uma abordagem diferenciada.

Ao escrever para o rádio você deve sentir que está *contando* uma história para alguém e não fazendo um pronunciamento ministerial. Você não está falando para as massas, mas simplesmente dizendo para uma pessoa o que está acontecendo. (CHANTLER e HARRIS, 1998, p.34)



No Jornal da Educação falta esse diálogo, esse “contar uma história” mais próximo ao ouvinte. As palavras escolhidas para falar as notícias não são complicadas, as frases são curtas e objetivas, as histórias seguem uma linha de raciocínio de acordo com o desenrolar dos acontecimentos. O que falta é exatamente a conversa, tanto entre as duas locutoras como entre as jornalistas e os ouvintes. Talvez essa falta de diálogo também seja responsável por erros no discurso das apresentadoras. Veja o exemplo abaixo, onde uma delas conta uma notícia no tempo verbal presente, enquanto a outra complementa a mesma notícia com o pretérito perfeito.

Locutora 01: Estudantes das escolas municipais de Fortaleza **visitam** hoje a VII Semana do Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará.

Locutora 02: Os alunos **conheceram** a casa de plástico com materiais reciclados que está desde segunda feira no pátio da Rádio Universitária. (JORNAL DA EDUCAÇÃO, 05/06/2009)

As jornalistas cometem erros bobos e desenvolvem uma leitura automática, sem envolvimento pessoal. É o que já destacamos: falta diálogo.

A Locução

O programa é apresentado por duas vozes femininas, mas as duas locutoras têm timbres vocais bem diferentes, o que não permite que o ouvinte confunda uma com a outra e ajuda a dar mais dinamicidade ao jornal. A leitura das notícias é, geralmente, dividida por parágrafos, com as vozes sendo alternadas a cada pequeno bloco de texto.

As duas locutoras têm uma boa dicção, mas há muitos erros na leitura e, muitas vezes, falta segurança na transmissão das informações. Dessa forma, o jornal perde em credibilidade, porque o público percebe que o apresentador não tem certeza do que está dizendo e, por mais que a notícia tenha sido apurada e escrita por outra pessoa, a imagem do programa é transmitida através da voz do locutor. Então, se a locução passa insegurança, quem está ouvindo também não vai ter tanta confiança no que está sendo dito.

Um problema maior ainda, que poderia ter sido evitado se as locutoras tivessem mais segurança na apresentação, aconteceu na edição do dia primeiro de junho. Uma notícia que havia sido dada no início do programa foi repetida no final da primeira parte do jornal. Uma das locutoras percebe, logo no início do texto, que está repetindo a fala e diminui perceptivelmente o ritmo da leitura, depois disso há um breve silêncio e a



leitura da mesma notícia continua como se nada de errado estivesse acontecendo. O erro poderia ter sido menor se, ao perceber o problema, as locutoras tivessem agido com naturalidade, assumido a confusão e passado para a notícia seguinte.

Aliás, a falta de naturalidade das duas locutoras é outra questão a ser discutida sobre o programa. Não existe interação entre as apresentadoras durante o jornal e quase não há interpretação na leitura das notícias, o texto é falado de uma maneira muito impessoal. Com exceção da entrevista, não há nenhum diálogo, portanto também não há nenhum comentário a cerca do que é dito. O jornal poderia atingir com mais facilidade o objetivo de discutir a educação se as informações fossem mais debatidas.

Os temas recorrentes no programa

Os temas são sempre notícias voltadas à educação, principalmente às iniciativas da Universidade Federal do Ceará. Projetos de extensão, pesquisas científicas, financiamentos concedidos ao meio acadêmico, eventos de universidades e impasses que permeiam o mundo estudantil. O ensino médio e fundamental também não é deixado de lado, mas o destaque é voltado ao mundo do ensino superior.

As entrevistas geralmente são com professores universitários a respeito de temas que envolvem a educação. A relação da universidade com a sociedade, as políticas públicas voltadas para o ensino, projetos sociais locais e novidades de importância internacional estão no programa. O destaque à Universidade Federal do Ceará dá ao jornal uma cara de “programa chapa branca”, que divulga as conquistas educacionais com o objetivo de promover a Universidade.

É interessante notar que a temática do programa já seleciona o público alvo: as classes média e alta letradas. Talvez, se os temas fossem trabalhados de uma forma diferente, mais coloquial e em um formato mais livre, o público fosse mais abrangente. Mas a impessoalidade das jornalistas e o formato do programa não são atrativos. Só quem é realmente interessado no tema escuta o programa, transmitido bem na hora do tradicional intervalo para o almoço. Essa falta de sintonia entre a proposta educativa do programa e o seu discurso excludente será tema do nosso próximo tópico.

O programa tenta trabalhar a educação no Ceará, no Brasil e no Mundo de uma forma bem geral. Os assuntos locais são mais valorizados e melhor trabalhados, por uma questão editorial ou talvez por impossibilidades financeiras. Algumas reportagens de agências ou de outra rádio são reproduzidas na programação.



O Jornal da Educação trabalha assim, temas relacionados à educação, privilegiando a produção acadêmica e os projetos locais de instituições públicas. As notícias são bem atuais e informam ao ouvinte novidades voltadas ao saber. Os temas são aprofundados durante as entrevistas, onde um assunto específico é discutido geralmente com professores.

Teoria e prática

Educar a população, levando conhecimento a todos, é uma proposta que vem dos primórdios do rádio brasileiro. E essa proposta continua existindo das mais variadas maneiras. Mas aí vem a questão: como educar de forma prazerosa e eficiente? Como educar sem excluir grupos sociais? Em se tratando de educação, será que o que se fala está em consonância com o que se faz?

Educação e comunicação estão sempre juntas. A forma de contar uma notícia nos diz muito sobre a idéia que se tem de Educação. O discurso, o pensamento e a ação muitas vezes não seguem a idéia a que se propõem. Angelo Piovesan, em seu artigo Rádio e Educação: Uma integração Prazerosa (2004) fala dessa dificuldade que muitos de nós ainda temos de colocar novas idéias realmente em prática.

Não se pode mais permitir que o princípio da exclusão continue marcando o tom das discussões, das políticas e, principalmente, marcando o tom das ações sociais, educativas, comunicativas, culturais, pessoais... Infelizmente, o discurso que fala novos paradigmas ainda não alcançou, de fato, os corações e as mentes. Mesmo aqueles poucos que já incorporaram o novo discurso ainda não se deram conta de que a prática é ainda excludente: exclui-se a criança, o jovem, o negro, o índio...”. (PIOVESAN, 2004, p. 35).

A linguagem, a voz, os temas, os convidados, as formas de tratamento, tudo constrói e transmite aos ouvintes uma idéia de educação. A falta de diálogo entre as locutoras, a ausência de participação do público, os temas voltados ao ensino superior e o comportamento distante das jornalistas nos fazem acreditar que os produtores do Jornal da Educação têm uma boa proposta, mas não a colocam em prática de forma que inclua diferentes camadas da população. Como já foi dito, o formato não é atrativo e a temática já restringe o público.



Uma educação formal⁵, distante do ouvinte e um tanto fechada a discussões mais profundas é o que o Jornal da Educação constrói e transmite. A forma de comunicar já educa por si mesma. E quais as mensagens que os jornais estão transmitindo? Não adianta pregar uma comunicação aberta se, na hora de fazer um jornal, não conversamos com o público.

De modo figurado devemos pensar o processo de comunicação como o da criação de pontes que permitem aproximar os interlocutores, buscando superar toda e qualquer barreira. A idéia básica é romper com as barreiras, pois elas apenas separam, excluem, interrompem o processo de comunicação. (PIOVESAN, 2004, p. 44).

Concordando com Piovesan, Mario Kaplún defende no livro *Pedagogía de La Educación* pensamentos Paulo Freirianos, como uma educação para a democracia e um instrumento para a transformação da sociedade (KAPLÚN, 1998).

Partiremos, para caracterizarla (a educação), de uma frase del próprio Freire: 'La educación es praxis, reflexión y acción del hombre sobre el mundo para trasformarlo'.

Ya no se trata, pues, de una educación para informar (y aún menos para conformar comportamientos) sino que busca FORMAR a las personas y llevarlas a TRANSFORMAR su realidad. De esa primera definición, El pensador brasileño extrae los postulados de esta nueva educación:

- No más un educador del educando;
- No más un educando del educador;
- Sino un educador-educando com un educando-educador.

Lo qual significa:

- Que nadie se educa solo;
- Sino que los hombres se educan entre si mediatizados por el mundo.

Esta dinámica, em el transcurso de la cual los hombres se van educando entre sí, es precisamente 'el proceso' educativo.

(KAPLÚN, 1998, p. 49)

A educação é defendida por esses autores como um processo permanente, em que o sujeito vai descobrindo, reinventando e elaborando o conhecimento. Um modelo de educação baseado na ação- reflexão- ação de Paulo Freire, que incentiva a formação

⁵ Educação Formal: Em seu artigo *Rádio e Educação: Uma integração Prazerosa* (2004), Ângelo Piovesan, influenciado por idéias de Paulo Freire, defende a existência de três modelos de educação: formal, não-formal e informal. A educação formal seria aquela adquirida através de um sistema onde o educador e o educando sabem que estão ensinando e aprendendo, respectivamente. Um exemplo simples é o atual modelo escolar, com diplomas, carga horária determinada, disciplina rígida e provas.



de sujeitos, de pessoas ativas, capazes de transformar a sociedade, o contrário seres passivos, apenas receptores das informações e das imposições sociais (o modelo definido por Paulo Freire como Bancário).

Para desenvolver cidadãos sujeitos, Kaplún observa a necessidade de incentivar a autoaprendizagem (1998), o aprendizado em grupo, a experiência prática e o diálogo. O objetivo é fazer as pessoas pensarem por si mesmas e agirem, sendo assim capazes de transformar a sociedade em que vivem.

A Entrevista no Jornal da Educação

Cada edição do programa é finalizada com uma entrevista de aproximadamente 15 minutos, previamente gravada, conduzida pela produtora do jornal. O tema da entrevista é, geralmente, alguma iniciativa que trabalhe a educação em um aspecto mais amplo que a instrução dada em salas de aula, como os projetos de extensão da universidade, outros projetos realizados em escolas de ensino fundamental e médio, ou ainda, iniciativas que levem conhecimento profissionalizante a jovens e adultos.

As entrevistas desenvolvidas no programa têm um caráter quase sempre informativo. Os entrevistados estão lá para apresentar o trabalho que fazem e não para debater uma idéia relacionada à atividade que desenvolvem, de forma que, mais uma vez, o jornal não trabalha com opinião. A parte do programa que poderia ser realmente dedicada a debater a educação no Ceará é utilizada simplesmente para dar informações que seriam facilmente repassadas em uma reportagem.

Outro problema gerado pela falta de debate é que a entrevista não flui como uma conversa, mas como um jogo enfadonho de perguntas e respostas. Mesmo quando há mais de um entrevistado, são poucos os momentos em que o diálogo é estabelecido com um tom mais natural, que fuja à idéia de imparcialidade.

Considerações finais

Modelos antigos repetidos, idéias passadas no presente, coisas que já foram, mas insistem em ficar. A falta de diálogo, a carência de idéias novas em um mundo cheio de sentidos novos. Por que será que um jornal que trata a educação nos dias atuais ainda repete um modelo tão antigo? Será que não surgiram idéias novas e suficientemente boas? Ou será que simplesmente a idéia de um rádio que não converse com o ouvinte, imparcial e superficial é a melhor?



A análise do Jornal da Educação, durante os dias 01 a 05 de junho de 2009, trouxe à tona questões como essas. A contemporaneidade traz uma enxurrada de informações, de possibilidades e de idéias que muitas vezes não são aproveitadas. Desde a origem do radiojornalismo, muita coisa mudou, e muito do que era permanece. Não queremos julgar aqui se isso é bom ou ruim. Mas refletir um pouco o nosso fazer jornalístico, o que é de extrema importância.

Afinal, qual a diferença que as mudanças políticas e econômicas trouxeram à nossa profissão? Que jornalismo estamos fazendo hoje? A produção de notícias, a forma de transmiti-las, a pesquisa e o pensar a sociedade. Será que estamos pensando nisso ou nos acomodando com a nossa imparcialidade distante? Fica aberta a questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANTLER, Paul & HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo, Summus Editorial, 1998.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo, Editora Contexto, 2004.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo, Summus Editorial, 2005.

KAPLÚN, Mário. **Uma Pedagogía de La Comunicación**. Madrid, Ediciones de La Torre, 1998.

PIOVESAN, Angelo. **Rádio e educação: uma integração prazerosa**. In: **Rádio: sintonia do futuro**. p. 35-50. org. André Barbosa Filho, Angelo Piovesan, Rosana Beneton. São Paulo: Paulinas, 2004.

JUNIOR, Norval Baitello. **A Cultura do Ouvir**. Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO. 1997.2. Revista do CISC (Centro Interdisciplinar de semiótica da Cultura e da Mídia).

Site da Rádio Universitária FM: www.radiouniversitariafm.com.br (último acesso em 22 de junho de 2009).